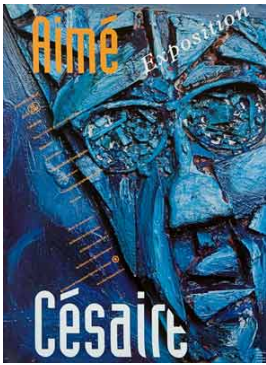


Aimé Césaire e a Negritude

« Qui et quels nous sommes? Admirable question! »



Esta questão base, poderá em poucas palavras, responder à essência do chamado **Movimento da Negritude**. Trajado de algum radicalismo se interpretada em oposição ao seu contrário, talvez prenhe de algum racismo propositado. Contudo, racismo sim, mas a favor do não racismo, da assumpção e reconhecimento do eu “Negro” como ser humano pleno, como sublinhou Jean Paul Sartre em *Orpheu Negre* “**ce racisme antiraciste est le seul chemin qui puisse mener à l’abolition des différences de race**”. Césaire define a Negritude como « *la conscience d’être noir, simple reconnaissance d’un fait qui implique acceptation, prise en charge de son destin de noir, de son histoire, de sa culture; elle est affirmation d’une identité, d’une solidarité, d’une fidélité à un ensemble de valeurs noires* » .

Uma reflexão sobre a palavra negritude revela uma multiplicidade de conotações e aponta dimensões controversas. Às várias tentativas de ler o termo como um conceito, ideologia política e movimento literário, responde um questionamento sobre racismo, sobre doutrina reaccionária, movimento de contestação e libertação, sistema não coerente, parecendo que a palavra incorporou uma noção de divisão totalmente contrária ao que pretendia Aimé Césaire. O termo pode significar "plus au moins confusément, à la fois, l’ensemble des hommes noirs, les valeurs du monde noir et la participation de chaque homme et de chaque groupe noir à ce monde et à ces valeurs". Para além da preconceituosa definição presente nos dicionários, que define negritude como o conjunto de características e modos de pensar e sentir próprios da raça negra, revelando um estereótipo antropológico carregado de significados etnocêntricos, a Negritude de Césaire caracteriza-se como movimento literário de consciencialização dos povos negros. O movimento, activo entre 1930 e 1940 pode se definir por seus manifestos, sua praxis, sua temática e estética.

Esteticamente, poeticamente e filosoficamente a negritude de Aimé Césaire é de certa forma filho do surrealismo. Césaire vai-se identificar com o surrealismo porque seus manifestos pregam a condenação da civilização ocidental e cristã, racional e lógica, do capitalismo e da ideologia burguesa. Se esse mundo já não correspondia aos anseios de jovens franceses bem-nascidos, o que dirá para um jovem negro, ressentido em sua representação de si por anos de racismo colonial? Césaire lê em Paris os mesmos autores que os poetas surrealistas haviam lido e reivindicavam como seus precursores: Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e, sobretudo, Lautréamont. Lê Eluard, Breton, Apollinaire, Gide, Proust, Claudel. E, entre os filósofos, Nietzsche, Bergson, Freud, Heidegger, Marx. Aimé Césaire e seus pares, entre eles Léopold Senghor, fazem o que muitos autores denominam de canibalização da cultura ocidental.

Devoram, aprendem e apreendem tudo de grandioso que a cultura ocidental poderia oferecer para logo proceder à afirmação, necessária, da sua identidade por alteridade. A negritude como filosofia e cultura recupera uma ordem identitária de representações etho/etnoculturais onde se expressam matrizes que, embora contaminadas pelo processo de assimilação colonial, possibilitam a afirmação da alteridade na diferença, constituindo uma resposta identitária, étnica ao eliminatório universalismo colonialista.

Perguntado sobre a influência de Kant na sua obra Césaire responde : “o kantismo é muito ocidental [...] a obra de Kant se reduz a três questões fundamentais: “**Quem sou eu?**” (nos bancos da Sorbonne, aconteceu-me de me perguntar isso, e compreendi muito bem quem eu era); “**Que devo fazer?**” (isso é a moral, uma questão que coloco a mim mesmo); e “**O que me é permitido esperar?**” Ele não disse: “**O que eu espero?**” E para mim este último ponto é tudo.” É no « *Cahier d’un retour au pays natal* » que Aimé Césaire responde definitivamente à essa última questão. Para Aimé Césaire na poesia residia a principal arma de identificação do homem negro com o seu ser, com a sua identidade e destino. De resto Césaire assumiu sua negritude não apenas como uma questão biológica, social e cultural, mas sobretudo como algo existencial, inalienável da sua condição de homem total pleno e igual a toda o resto da humanidade, independentemente da sua cor: “**Je suis nègre, nègre je resterai**”